

# **TEXTO NEPO 20**

**CONHECIMENTO E USO DO CONDOM:  
ANTICONCEPÇÃO E PREVENÇÃO DE  
DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

**ELZA BERQUÓ  
MARTA ROUERY DE SOUZA**



**UNICAMP**

**NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO - NEPO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP  
DEZEMBRO, 1991**

**BIBLIOTECA DO NEPO  
UNICAMP**

**CONHECIMENTO E USO DO CONDOM: ANTICONCEPÇÃO E PREVENÇÃO  
DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS(\*)**

**Elza BERQUÓ(\*\*)**

**Marta Roverly de SOUZA(\*\*\*)**

---

(\*) Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação FORD do Brasil.

(\*\*) Coordenadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO) da UNICAMP e Pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)

(\*\*\*) Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO) da UNICAMP e Doutoranda junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Área de Concentração "Estudos de População".

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO - NEPO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP  
CAIXA POSTAL 6166 - CEP 13081 -  
CAMPINAS, SP/BRASIL

REITOR  
Carlos Alberto Vogt

COORDENADOR GERAL DA UNIVERSIDADE  
José Martins Filho

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO  
Adalberto Buono Maurizio Sacchi Bassi

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO  
José Dias Sobrinho

PRÓ-REITOR DE PESQUISA  
Armando Turtelli Junior

PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO UNIVERSITÁRIO  
Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS  
Cesar Francisco Ciacco

DIRETORA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO  
Elza Berquó

613.94	Berquó, Elza.
B532c	Conhecimento e uso do Condôm: Anticoncepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/Elza Berquó e Marta Rovey de Souza. - Campinas:UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 1991.
	p. (Textos NEPO; 20)
	1. Anticoncepção 2. Medidas anticoncepcionais 3. AIDS 4. Doenças sexualmente transmissíveis 1. Souza, Marta Rovey de II. Universidade Estadual de Campinas. Núcleo de Estudos de População III. TÍTULO
	CDD.613.94 616.079 616.951 301.321

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Anticoncepção: 613.94
2. AIDS (Doença): 613.079
3. Doenças sexualmente transmissíveis: 616.951
4. Anticoncepcionais: 301.321

## RESUMO

Até recentemente o conhecimento sobre a incidência de uso do Condôm o considerava apenas como método anticoncepcional e provinha, na grande maioria das vezes, de pesquisas sobre fecundidade, conduzidas junto a mulheres unidas e na idade reprodutiva. O excluir mulheres não unidas, o não considerar homens, e pensar o Condôm apenas como método contraceptivo, são vieses metodológicos que explicam a reduzida taxa de uso deste preservativo em nosso meio.

Procurou-se na pesquisa, cujos resultados ora se apresentam, investigar o conhecimento, uso e razões de uso do Condôm junto ao universo masculino privilegiando-se, em uma primeira etapa, três segmentos específicos, a saber: universitários, bancários e operários, com idade entre 18 e 30 anos.

Neste sentido, foi possível estimar taxas diferenciais de uso do Condôm e registrar as preocupações que se delinham nos grupos estudados quanto à conduta sexual, frente à crescente presença da AIDS.

## ABSTRACT

Until very recently the knowledge on the incidence of Condom use, would consider it just as a contraceptive method and was based on fertility surveys applied to married women, in the reproductive age. The fact that not married women were excluded, that studies including men were very rare and that the Condom was seen just as a contraceptive method, introduced methodological biases which explain in a certain way the so reduced rate of use of this preservative.

The research which results are presented here aimed at to study the Condom knowledge, use and reasons for use among men.

In a first stage three different groups where included, namely, university students, bank clerks and workers, with ages varying between 18 and 30 years.

In this sense it was possible to estimate differential rates of Condom use and to register the great concerns about AIDS and its influence on sexual behavior.

## ÍNDICE

	PAG
1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS.....	7
3 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DA AMOSTRA	
3.1 - Idade e Estado Conjugal.....	10
3.2 - Local de Residência.....	18
3.3 - Nível de Escolaridade.....	19
3.4 - Renda.....	21
3.5 - Cor.....	22
3.6 - Religião.....	23
4 - CONDOM: CONHECIMENTO E USO	
4.1 - Conhecimento.....	24
4.2 - Uso do Condom alguma vez.....	30
4.3 - Uso do Condom no último mês.....	37
5 - AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	
5.1 - Conhecimento e incidência de Doenças Sexualmente Transmissíveis.....	46
5.2 - Como contrair a AIDS?.....	49
5.3 - Como evitar a AIDS?.....	57
5.4 - Quem faria o teste de AIDS? Quem se considera "grupo de risco".....	60
6 - RESUMINDO.....	62
7 - ANEXO 1	

## ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELA	PAG
01 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL CATEGORIA PROFISSIONAL: BANCÁRIO.....	16
02 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL CATEGORIA PROFISSIONAL: UNIVERSITÁRIO.....	17
03 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL CATEGORIA PROFISSIONAL: OPERÁRIO CONST. CIVIL...	17
04 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL CATEGORIA PROFISSIONAL: OPERÁRIO INDÚSTRIA.....	18
05 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL SEGUNDO A NATURALIDADE E LOCAL DE RESIDÊNCIA.....	19
06 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL SEGUNDO O GRAU DE ESTUDO.....	20
07 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL SEGUNDO A RENDA.....	21
08 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL SEGUNDO A COR.....	22
09 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO A COR (1980)..	23
10 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL SEGUNDO A POSIÇÃO RELIGIOSA.....	24
11 - MÉTODOS QUE O HOMEM DEVE USAR PARA EVITAR UMA GRAVIDEZ.....	26
12 - O QUE FAZER PARA EVITAR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.....	28
13 - PARA QUE SERVE O CONDOM.....	29
14 - RAZÕES PARA USO DO CONDOM.....	32
15 - RAZÕES ALEGADAS PARA NUNCA TEREM USADO O CONDOM.	34
16 - IDADE EM QUE USOU O CONDOM PELA PRIMEIRA VEZ....	36
17 - USO DO CONDOM NAS RELAÇÕES SEXUAIS DO ÚLTIMO MÊS.....	39
18 - UTILIZAÇÃO DO CONDOM NO ÚLTIMO MÊS, SEGUNDO A COR DOS ENTREVISTADOS.....	40
19 - USO DO CONDOM NO ÚLTIMO MÊS, SEGUNDO A POSIÇÃO RELIGIOSA DOS ENTREVISTADOS.....	41
20 - NÚMERO DE PARCEIROS SEXUAIS DOS QUE NÃO UTILIZARAM O CONDOM NO ÚLTIMO MÊS.....	42
21 - USO DO CONDOM EM RELAÇÕES NAS QUAIS PARCEIRAS SEXUAIS USAVAM ALGUM MÉTODO ANTICONCEPCIONAL....	43
22 - MÉTODO ANTICONCEPCIONAL UTILIZADO PELAS PARCEIRAS DAQUELES QUE NÃO UTILIZAM O CONDOM.....	44
23 - O USO DO CONDOM NO ÚLTIMO MÊS PARA CASADOS E NÃO-CASADOS.....	45
24 - DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS MAIS CONHECIDAS.....	47
25 - INCIDÊNCIA DE TER SENTIDO ARDOR AO URINAR E DE TER SENTIDO ARDOR NO PÊNIS.....	48
26 - LOCAL PROCURADO PARA OBTER TRATAMENTO QUANDO SENTIU ARDOR NO PÊNIS PELA ÚLTIMA VEZ.....	49
27 - CASOS E COEFICIENTES DE AIDS.....	50

## ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELA	PAG
28 - NÚMERO ACUMULADO DE CASOS DE AIDS E COEFICIENTES DE INCIDÊNCIA.....	51
29 - CASOS NOTIFICADOS E COEFICIENTES DE AIDS - REGIÃO ADMINISTRATIVA E MUNICÍPIOS.....	53
30 - NÚMERO ACUMULADO DE CASOS DE AIDS, SEGUNDO CATEGORIA DE EXPOSIÇÃO E GRUPO DE IDADE.....	54
31 - NÚMERO ACUMULADO E DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS CASOS DE AIDS, SEGUNDO CATEGORIA DE EXPOSIÇÃO E SEXO.....	55
32 - MEIOS DE TRANSMISSÃO DA AIDS.....	56
33 - MEIOS DE PREVENÇÃO DA AIDS.....	58

GRÁFICOS	PAG
1 - DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA, POR CATEGORIA PROFISSIONAL..	11
2 - ESTADO CONJUGAL, POR CATEGORIA PROFISSIONAL.....	13
3 - TIPOS DE UNIÃO, POR CATEGORIA PROFISSIONAL.....	15
4 - O CONDOM COMO MÉTODO EFICAZ, POR CATEGORIA PROFISSIONAL.....	30
5 - USO DO CONDOM ALGUMA VEZ, POR CATEGORIA PROFISSIONAL.....	31
6 - FINALIDADE DO USO DO CONDOM NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL.....	37
7 - USOU O CONDOM ALGUMA VEZ, USOU ULTIMAMENTE E USOU NA RELAÇÃO SEXUAL DO ÚLTIMO MÊS.....	46
8 - O CONDOM CITADO COMO PREVENTIVO DA AIDS E O USO EFETIVO NO ÚLTIMO MÊS.....	59
9 - CASOS ACUMULADOS DE INFEÇÃO POR HIV NO MUNDO....	61

.....

## CONHECIMENTO E USO DO CONDOM: ANTICONCEPÇÃO E PREVENÇÃO DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

### 1 - INTRODUÇÃO

Tradicionalmente os homens usavam o Condom nas relações sexuais com prostitutas a fim de se prevenirem contra as doenças sexualmente transmissíveis (principalmente gonorréia e a sífilis). Isto se dava tanto com os jovens ao iniciarem práticas sexuais como com casados em relações fora do casamento. Em ambos os casos esta conduta acabava por ter alguma influência como forma de evitar filhos, muito embora não estivesse ao nível da consciência da maior parte das pessoas. Pode-se dizer, portanto, que o recurso ao Condom até o início da década de cinquenta, ou seja, antes do descobrimento da penicilina, era feito principalmente no sentido de evitar doenças transmissíveis pela via sexual. Em que pese o fato de que antes do surgimento da pílula anticoncepcional, conjuntamente com o coito interrompido, o Condom possa ter feito parte do reduzido repertório de meios para evitar uma gravidez, principalmente dentro do casamento, a falta de pesquisas acerca do referido período deixa um espaço propício a elucubrações a respeito.

A difusão do uso da penicilina reduziu em grande medida a preocupação das pessoas em prevenir as doenças sexualmente transmissíveis. Por outro lado, mudanças no comportamento em decorrência da liberação sexual tornaram cada vez mais usual a prática do sexo sem o recurso à área da prostituição. E assim, o Condom foi tendo seu uso cada vez mais reduzido.

Por sua vez, a partir do surgimento da pílula anticoncepcional, as investigações na área da tecnologia reprodutiva foram aperfeiçoando métodos de alta eficácia para prevenir, interromper ou impedir definitivamente uma gravidez. O uso difundido de tais técnicas relegou o uso do Condom e outras práticas mais convencionais a níveis pouco expressivos, principalmente nos países menos desenvolvidos. De fato, em meados da década de 80, em todo o mundo, o uso do Condom, por mulheres na idade reprodutiva, não passava de 5%(1). Esta prática, entretanto, é mais popular nos países mais desenvolvidos onde o índice de uso é de 13% em contraste com os 3% para o restante do globo. Quando se relaciona a presença do Condom ao total de usuários de algum método, estes índices sobem. Em nível mundial alcançam 10%, cabendo 19% e 6%, respectivamente, aos países mais e menos desenvolvidos. Vale ressaltar que enquanto em 60% dos

---

(1) UNITED NATIONS - 1989. Levels and Trends of Contraceptive Use as Assessed in 1988. New York.

países mais desenvolvidos o Condom representa 10% de todos os métodos em uso, esta mesma posição relativa só é alcançada por 30% dos menos desenvolvidos. Quando se desagrega este bloco de países, os dados mostram que o Japão lidera o hábito desta prática, como atestam as informações de 1986, com 45% de uso por parte de casais com a mulher na idade reprodutiva. No total de usuários, este índice ascende a 69%. Comparativamente aos 45% do Japão, seguem-se Finlândia com 40%, Dinamarca com 39%, Singapura com 33%, Espanha com 21% e Estados Unidos com 14%.

No Brasil, o uso do Condom é extremamente discreto. Pesquisa recente de caráter nacional<sup>(2)</sup>, cobrindo um total aproximado de 30.000 mulheres com idades entre 15 e 54 anos, revelou que das 70% de usuárias de algum método, apenas 1.8% mencionaram a presença do Condom nas relações sexuais.

Ainda que correndo o risco de excessiva simplificação poder-se-ia dizer que a conjugação de dois processos em curso - a liberação sexual e o avanço da tecnologia da reprodução humana - deu às pessoas a possibilidade de fazer sexo sem a preocupação com a reprodução e de se reproduzir sem precisar

---

(2) BERQUÓ, E. - 1987 Anticoncepção da população na virada do século. In: Homem-Mulher: crises e conquistas. São Paulo, Melhoramentos, pp. 61-82.

necessariamente fazer sexo (inseminação artificial, fertilização "in vitro", transferência de embriões, etc). Além disso, as normas e costumes evoluíram no sentido de permitir que as pessoas se expressem sexualmente independentemente do sexo biológico. Ou seja, pela grande conquista social e tecnológica as pessoas vinham, de certa maneira, adquirindo ampla liberdade sobre seus desejos e controle sobre seus corpos.

O aparecimento da AIDS vem impor, entretanto, em escala mundial, modificações na conduta dos indivíduos e da sociedade como um todo.

De um lado, a prática sexual volta a requerer cuidados com a transmissão da doença e esta mudança pode atingir a todas as pessoas independentemente da idade e do sexo. Aquelas pessoas, que por serem estéreis, ou por terem sido esterilizadas, ou por estarem fora do período reprodutivo, e que por isso, já não precisavam mais ter preocupações com o uso de anticoncepcionais, passam a ter de recorrer também, durante a prática sexual, a métodos de barreira no sentido da prevenção da doença. Ou seja, a AIDS vem recolocar a questão do exercício de um método antigo e de pouco uso até meados desta década, como foi o Condôm. Esta rápida mudança requer alterações no nível de consciência das pessoas, no sentido da aceitabilidade de

um meio considerado antiquado, estigmatizado e de eficácia discutível.

De outro lado, a interação AIDS-Condom pode ter implicações demográficas que afetem a fecundidade tanto no sentido de aumentá-la como no de diminuí-la, mas de difícil predição. Com efeito, a menor frequência de relações sexuais com parceiros variados, decorrente do receio de contrair a AIDS, pode alterar o número de gravidezes indesejadas e, portanto, pode diminuir o número de nascimentos assim como o de abortos induzidos. Mas a diminuição de relações sexuais extra-conjugais pode, por outro lado, provocar um aumento na fecundidade marital. O uso do Condom no segmento de jovens que antes não usavam nenhum método pode também levar a uma diminuição no número de gestações indesejadas, já os casos em que a jovem antes usava algum método de alta eficácia, como a pílula anticoncepcional por exemplo, e deixa de fazê-lo porque agora o parceiro usa o Condom, podem contribuir para aumentar o número de gravidezes, resultante da falha do Condom. Várias situações poderiam se suceder neste sentido para testemunhar o nível de dificuldade em fazer predições. Por outro lado, o aumento da mortalidade por AIDS vai afetar a médio e longo prazos os padrões populacionais por sexo e idade bem como as estruturas familiares. Este conjunto de fatores justifica

o interesse crescente de estudos que se situem na interface da Saúde com a Demografia.

Os "surveys" sobre anticoncepção, como são comumente conduzidos, não são apropriados para darem respostas na direção almejada. Metodologicamente por se referirem apenas a mulheres, estas no período reprodutivo e, em geral, casadas ou unidas, tais "surveys" distorcem a realidade do que se passa no universo masculino, quanto ao uso desta prática. Pesquisa realizada em Barbados, Dominica, Saint Kitts e Navis, mostrou que, quando homens foram entrevistados, o Condom foi referido como o método usado entre 18% e 43% dos usuários, enquanto que este índice variou de 7% a 14%, quando foram as mulheres as informantes<sup>(3)</sup>

Esta carência de informações diretamente colhidas junto ao universo masculino determinou a realização desta pesquisa, cujos resultados são aqui apresentados, ampliando o conjunto de dados preliminares já divulgados<sup>(4)</sup>.

---

(3) UNITED NATIONS - 1989 op. cit..

(4) BERQUÓ, E. & SOUZA, M.R. - 1990 O Condom, a Anticoncepção e a AIDS. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, São Paulo, ABEP, v.3, p.

## 2 - ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de investigar a incidência de uso do Condom no universo masculino e, em caso afirmativo, com que propósito esta prática está sendo exercida - se anti-AIDS, se anticoncepção, ou se ambos - delineou-se uma pesquisa que foi realizada no município de Campinas, entre Março de 1990 e Janeiro de 1991<sup>(5)</sup>.

O estudo incluiu homens jovens, na pressuposição de que neste segmento a grande maioria seria de solteiros, aumentando assim o risco de exposição a relações sexuais com parceiros variados, onde a utilização de Condom estaria mais justificada. A faixa etária cobriu homens de 18 a 30 anos, distribuídos por três categorias: estudantes universitários, bancários e operários. Os universitários provieram das duas Universidades existentes na cidade de Campinas, com o objetivo de obter estudantes das mais distintas áreas (humanas /biológicas /exatas) e ao mesmo tempo em diferentes momentos de formação (desde o primeiro até o último ano). A mesma preocupação com a representatividade esteve presente entre bancários e operários. Assim, no caso dos bancários, a alternativa foi incluir entrevistas dos empregados dos bancos públicos e privados, nacionais e

---

(5) Esta pesquisa contou com apoio da Fundação FORD do Brasil

internacionais. No referente aos operários, incluiu-se tanto operários da construção civil quanto da indústria, com o intuito de cobrir a possível variabilidade que esta categoria poderia encerrar.

De cada um desses extratos foram selecionados 100 indivíduos perfazendo uma amostra total de 300 entrevistados. A cada um foi aplicado um questionário com um total de 84 questões, distribuídas por cinco seções: conhecimento e uso do Condôm; comportamento sexual; histórico das doenças sexualmente transmissíveis e o nível de conscientização sobre a AIDS; vida sexual atual; e informações sócio-demográficas (Anexo 1). As entrevistas estiveram a cargo de 12 estudantes de Medicina e 4 de Ciências Sociais, todos do sexo masculino.

Especial atenção foi dada à elaboração do questionário devido à importância e seriedade do assunto investigado e à necessidade de se tentar conseguir, através deste, o máximo possível de informações. É importante salientar que, o questionário definitivo é o resultado de várias modificações ocorridas após o pré-teste. Este cuidado deveu-se, principalmente, ao elevado número de perguntas abertas existentes e à necessidade de - sem comprometer a própria finalidade do trabalho -

sistematizar as respostas para poder trabalhar melhor com as informações coletadas.

O questionário definitivo, como já foi observado anteriormente, dividiu-se em seis seções. A primeira, com 32 perguntas (95% delas tipo "fechadas") focalizou o conhecimento e o uso do Condom considerando aspectos relativos à eficácia, locais de aquisição, preferências etc.

A segunda, buscou informações sobre o Comportamento Sexual, no último mês, incluindo o uso de métodos anticoncepcionais e de práticas para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

A terceira seção relacionava-se à incidência de doenças sexuais entre os entrevistados e o seu conhecimento a respeito da AIDS.

Propositadamente, as questões referentes à situação conjugal atual do entrevistado e às características da pessoa com quem tem saído, está saindo ou vivendo junto, foram colocadas somente após as questões sobre comportamento sexual e vida sexual atual para não prejudicar as respostas anteriores e permitir que o entrevistado se sentisse mais confortável.

Na última seção, ao contrário do que usualmente se faz nos demais questionários, levantaram-se as características demográficas e sócio-econômicas do entrevistado. No final foram acrescentadas duas questões abertas sobre a opinião do entrevistado a respeito do grupo de risco da AIDS e sobre a sua disposição para fazer o teste do HIV que detecta a doença.

### 3 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DA AMOSTRA

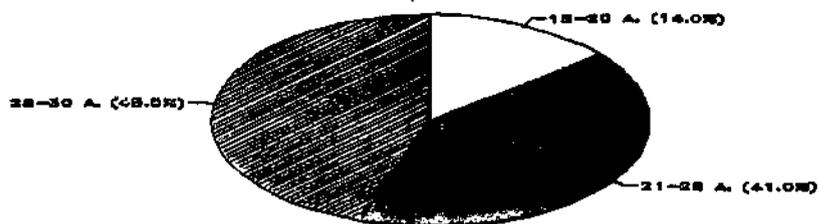
No esforço de sistematizar a grande quantidade de informações obtidas, primeiramente, caracteriza-se a amostra segundo dados gerais tais como: idade, estado conjugal, renda, cor, religião, escolaridade e local de residência. A amostra de operários foi analisada separando-se os trabalhadores da indústria(50) daqueles da construção civil(50)

#### 3.1 - Idade e Estado Conjugal

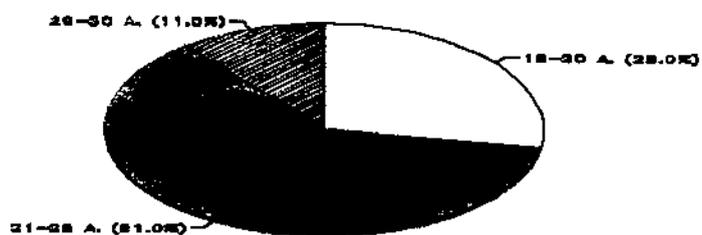
No que diz respeito à idade, os percentuais encontrados foram sem dúvida os já esperados, ou seja, uma maior concentração dos universitários em faixas etárias mais jovens (21-25 anos), e os bancários e operários concentrados na faixa seguinte (26-30 anos), como elucida o Gráfico 1.

Gráfico - 1 - Distribuição Etária, por Categoria Profissional

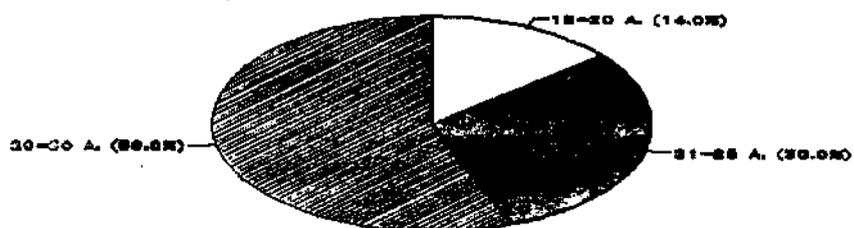
## BANCÁRIO



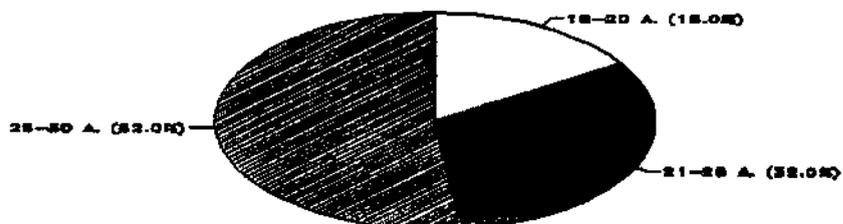
## UNIVERSITÁRIO



## OPERÁRIO CONSTRUÇÃO CIVIL



## OPERÁRIO INDÚSTRIA

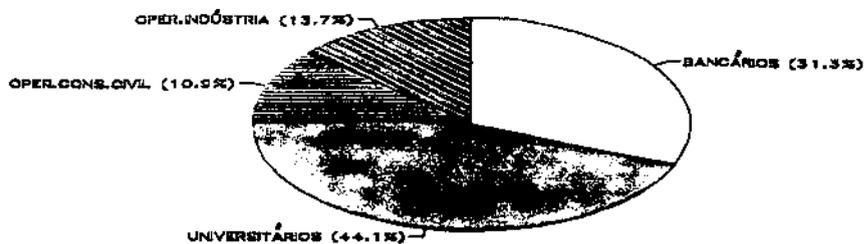


O estado conjugal solteiro foi o prevalecente, ou seja, 71.3% da amostra total corresponde a homens que ainda não haviam se casado. Isto decorreu, sem dúvida, do fato de se ter trabalhado com idades entre 18 e 30 anos, onde a probabilidade de casamento é ainda baixa, (a idade média ao casar do homem no Brasil está ao redor de 25 anos). Por categoria sócio-ocupacional, observa-se que dentre os solteiros prevaleceram os universitários e no grupo dos separados, a maior proporção coube aos bancários. Para os casados há menos de cinco anos, a situação é bem mais equilibrada para as quatro categorias ocupacionais consideradas (Gráfico 2).

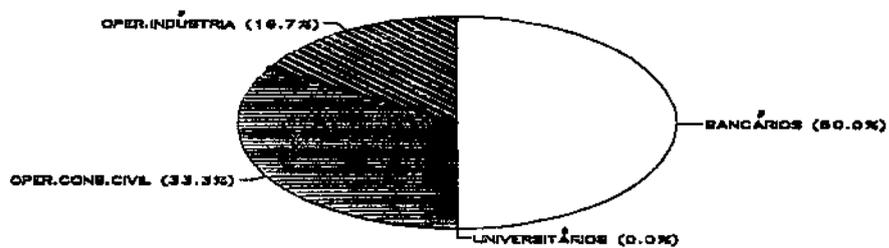
Considerando conjuntamente estado conjugal e idade, as Tabelas 1, 2, 3, 4 revelam que os entrevistados com idades compreendidas no grupo 18-20 anos, nas três categorias de estado conjugal analisadas, estavam solteiros no momento da entrevista. Na faixa-etária seguinte, 21-25 anos, os universitários apresentaram o mais elevado percentual de solteiros, ou seja, 91.8%, seguidos pelos bancários com 80.5%.

Gráfico - 2 - Estado Conjugal, por Categoria Profissional

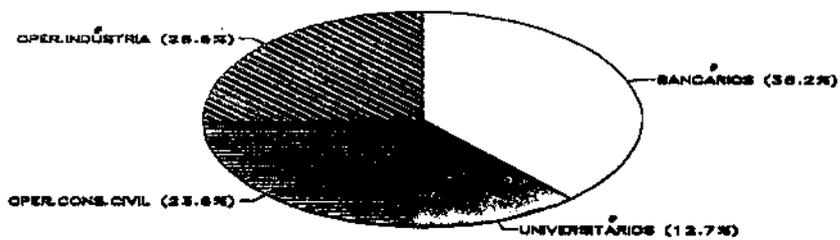
## SOLTEIRO



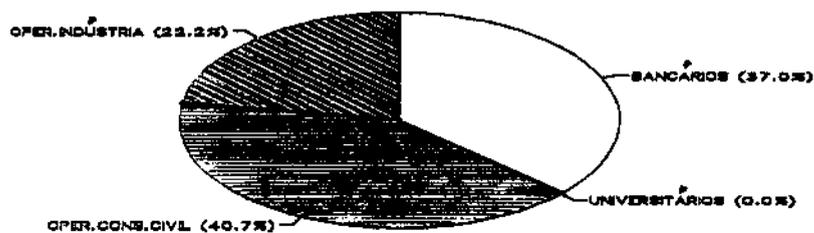
## SEPARADO



## CASADO MENOS 5 ANOS



## CASADO MAIS 5 ANOS



A diferença significativa entre estes dois segmentos foi registrada pelos operários solteiros, apenas 60% e 68.7% da construção civil e da indústria, respectivamente.

Ainda quando se considera a faixa etária de 26 a 30 anos, é elevada a proporção de solteiros entre os universitários, revelando baixa tendência de uniões conjugais antes do término dos cursos.

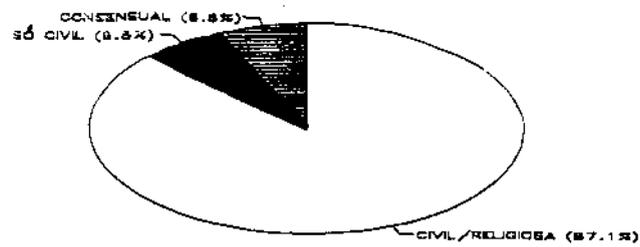
Levando-se em conta o tempo de casamento, observa-se que bancários e operários se unem relativamente cedo. De fato, 32.3% dos primeiros e 38.6% da segunda categoria, estavam casados há mais de cinco anos.

Com relação aos tipos de união: consensual, civil e religiosa, e só civil, chama atenção a diversidade de comportamento entre as categorias profissionais estudadas (Gráfico 3).

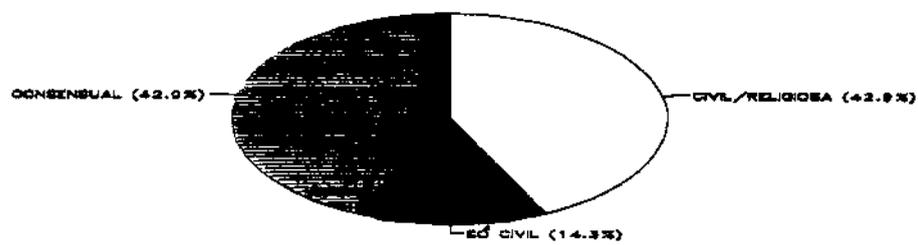
Enquanto para os universitários as uniões consensuais se igualam, em termos proporcionais às de natureza civil e religiosa (42.9%), para os bancários as legalizadas representam mais de 90% do total de casamentos.

Gráfico - 3 - Tipos de União, por Categoria Profissional

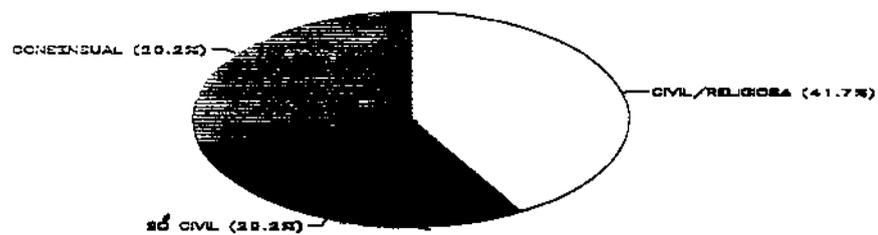
BANCÁRIO



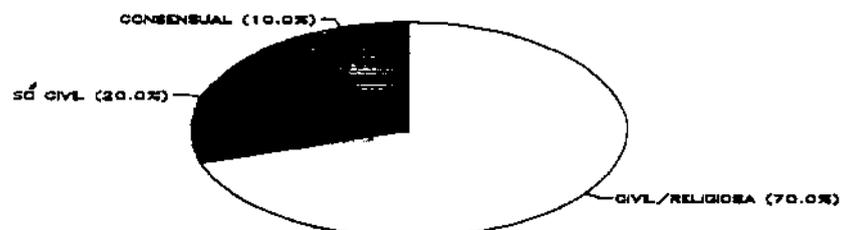
UNIVERSITÁRIO



OPERÁRIO CONSTRUÇÃO CIVIL



OPERÁRIO INDÚSTRIA



A presença significativa de uniões consensuais entre operários, marcadamente da construção civil, pode estar refletindo uma prática que sempre esteve mais associada às camadas mais pobres da população, em parte devida aos custos financeiros de uma união formal. Por outro lado, o elevado índice deste tipo de união entre os universitários pode estar indicando mudanças no comportamento tanto no sentido de casamentos experimentais de curta duração como uma opção real de união. Estas mudanças estão na raiz do aumento significativo que as uniões consensuais vêm apresentando desde 1960(6).

TAB. - 01 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL  
CATEGORIA PROFISSIONAL: BANCÁRIO  
(%)

ESTADO	IDADE			TOTAL (%)
	18-20 A	21-25 A	26-30 A	
CONJUGAL				
SOLTEIRO	100,00	80,49	42,22	66,00
SEPARADO (*)	0,00	2,44	4,44	3,00
CASADO(-5A)	0,00	17,07	31,11	21,00
CASADO(+5A)	0,00	0,00	22,22	10,00
TOTAL DE CASOS	14	41	45	100,00

(\*) Inclui: Separado, Desquitado e Divorciado.

(6) BERQUÓ, E. & LOYOLA, M.A. - 1984 União dos sexos e estratégias reprodutivas no Brasil. Revista Brasileira de Estudos de População, vol 1(1/2), jan/dez.

TAB. - 02 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL  
 CATEGORIA PROFISSIONAL: UNIVERSITÁRIO  
 (%)

ESTADO	IDADE			TOTAL (%)
	18-20 A	21-25 A	26-30 A	
CONJUGAL				
SOLTEIRO	100,00	91,80	81,82	93,00
CASADO(-5A)	0,00	8,20	18,18	7,00
TOTAL DE CASOS	28	61	11	00,00

TAB. - 03 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL  
 CATEGORIA PROFISSIONAL: OPERÁRIO. CONSTRUÇÃO CIVIL  
 (%)

ESTADO	IDADE			TOTAL (%)
	18-20 A	21-25 A	26-30 A	
CONJUGAL				
SOLTEIRO	100,00	60,00	25,00	46,00
SEPARADO (*)	0,00	0,00	7,14	4,00
CASADO(-5A)	0,00	20,00	35,71	26,00
CASADO(+5A)	0,00	13,33	32,14	22,00
VIÚVO	0,00	6,67	0,00	2,00
TOTAL DE CASOS	7	15	28	100,00

(\*) Inclui: Separado, Desquitado e Divorciado

TAB. - 04 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E ESTADO CONJUGAL  
 CATEGORIA PROFISSIONAL: OPERÁRIO. INDÚSTRIA  
 (%)

ESTADO	IDADE			TOTAL (%)
	18-20 A	21-25 A	26-30 A	
CONJUGAL				
SOLTEIRO	100,00	68,75	38,46	58,00
SEPARADO (*)	0,00	0,00	3,85	2,00
CASADO(-5A)	0,00	31,25	34,62	28,00
CASADO(+5A)	0,00	0,00	23,08	12,00
TOTAL DE CASOS	8	16	26	100,00

(\*) Inclui: Separado, Desquitado e Divorciado

### 3.2 - LOCAL DE RESIDÊNCIA

A análise da naturalidade dos componentes da amostra, residentes em Campinas na época da entrevista, revelou que mais de 50% não haviam nascido nesta cidade mas nela residiam há mais de 10 anos. Por categoria profissional, 72% dos universitários não eram naturais de Campinas e residiam, em média há 4 anos.

Os bancários apresentaram o maior percentual de natural e residente. Já 24% dos operários da indústria viajam diária ou semanalmente para trabalharem em Campinas (Tabela 5).

TAB. - 05 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL SEGUNDO  
A NATURALIDADE E LOCAL DE RESIDÊNCIA  
(%)

NATURALIDADE  E  LOCAL RESIDÊNCIA	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSITÁRIO	CONV. CIVIL	OPERÁRIO
N NATURAL/N RESIDE	6,00	8,00	6,00	24,00
N NATURAL/RESIDE	52,00	64,00	70,00	56,00
NATURAL/N RESIDE	2,00	1,00	0,00	4,00
NATURAL/RESIDE	40,00	27,00	24,00	16,00
TOTAL DE CASOS	100	100	50	50

### 3.3 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE

A análise desta variável ficará restrita apenas aos bancários e operários, por razões óbvias.

O que se nota, em primeiro lugar, é um percentual significativo de bancários com curso superior, 43%, uma vez que o segundo grau completo (atingido por 48%), seguramente deve ser uma exigência prévia para a própria admissão neste tipo de ocupação. A grande maioria dos operários (80%), por sua vez, só chegaram até o primário; 10% a 12% deles eram analfabetos (Tabela 6). Estes dados

são coerentes com as estimativas para o Estado de São Paulo que previam, para 1985, 11.2% de analfabetos(7).

TAB. - 06 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL  
SEGUNDO O GRAU DE ESTUDO  
(%)

GRAU DE ESTUDO	CATEGORIA PROFISSIONAL		
	BANCÁRIO	OPERÁRIO	
		CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
1.º GRAU COMPLETO	9,00	88,00	82,00
2.º GRAU COMPLETO	48,00	0,00	7,00
SUPERIOR	43,00	0,00	1,00
N/FREQUENTOU	0,00	12,00	10,00
TOTAL DE CASOS	100	50	50

A situação encontrada na amostra reflete, mais uma vez, como a questão da escolaridade no Brasil é um problema estrutural, onde camadas mais pobres da população são privadas numa primeira instância de freqüentar a escola, pelo fato de entrarem no mercado de trabalho muito cedo, motivados pela própria necessidade de subsistência pessoal ou familiar.

(7) Fundação SEADE, estimativa para 1985.

### 3.4 - RENDA

Entre os bancários, 46%, apresentaram renda total de 7 ou mais salários-mínimos; 63% dos universitários responderam que sua "mesada" estava entre 2 e 5 salários e por fim, 58% dos operários da construção civil e 54% dos trabalhadores da indústria ganhavam entre 3 e 4 salários por mês (Tabela 7). Observou-se também, que os funcionários dos bancos públicos são os que recebem salários mais elevados, dentre os bancários.

TAB. - 07 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL  
SEGUNDO A RENDA  
(%)

RENDA MENSAL	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSITÁRIO	OPERÁRIO CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
1	0,00	4,00	4,00	0,00
2	1,00	17,00	14,00	8,00
3	5,00	14,00	32,00	28,00
4	12,00	17,00	26,00	26,00
5	20,00	15,00	8,00	18,00
6	16,00	8,00	8,00	16,00
7 OU MAIS	46,00	24,00	8,00	4,00
NÃO RESPONDEU	0,00	1,00	0,00	0,00
TOTAL DE CASOS	100	100	50	50

## 3.5 - COR

Dada a injustiça social e a discriminação prevalentes no país, são os negros os que menos chances têm de acesso à escola e conseqüentemente às categorias mais altas de ocupação. Como era de se esperar, 62% dos trabalhadores da construção civil, são negros, isto é, pretos ou pardos. Em contraste, apenas 7% dos universitários estão nesta categoria. Os bancários ocupam posição intermediária, ou seja, 13 em cada 100 são negros (Tabela 8).

TAB. - 08 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL  
SEGUNDO A COR  
(X)

COR	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO UNIVERSI-		OPERÁRIO	
	TÁRIO	UNIVERSI-	CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
BRANCA	86,00	90,00	38,00	62,00
PRETA	2,00	0,00	22,00	12,00
PARDA	11,00	7,00	40,00	26,00
AMARELA	1,00	3,00	0,00	0,00
TOTAL DE CASOS	100	100	50	50

O confronto dos dados da amostra com a distribuição, por cor, da população de Campinas no censo

de 1980 (Tabela 9), revela grande semelhança, o que vem reforçar a representatividade da amostra estudada, para este quesito de complexa obtenção.

TAB. - 09 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO A COR  
1980

COR	BRASIL (*)	EST.S.PAULO (**)	CAMPINAS (**)
BRANCA	55,00	74,73	77,20
PRETA	6,00	4,06	6,33
PARDA	39,00	18,42	14,93

Fontes: (\*) Berquó, Elza et alli, 1986 - Estudo da  
Dinâmica Demográfica da População Negra  
no Brasil, Campinas/NEPO/UNICAMP

(\*\*) IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO - 1980

### 3.6 - RELIGIÃO

Tratando-se de um estudo cujos resultados dependem diretamente do comportamento dos sujeitos analisados, acreditou-se ser de algum valor o conhecimento de suas posições religiosas. Neste sentido, constatou-se que a grande maioria dos operários era católica, e que esta proporção diminuiu bastante quando se considerou os bancários e os universitários. Para estes últimos, é elevada a frequência de agnósticos ou ateus, ou seja, de cada 100 estudantes 32 se consideraram como tal (Tabela 10).

TAB. - 10 - DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA PROFISSIONAL  
SEGUNDO A POSIÇÃO RELIGIOSA  
(%)

POSIÇÃO RELIGIOSA	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO UNIVERSI-		OPERÁRIO	
	TÁRIO	UNIVERSI-	CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
CATÓLICA	68,00	51,00	88,00	92,00
ESPÍRITA	8,00	9,00	2,00	2,00
PROTESTANTE	7,00	3,00	0,00	2,00
OUTRAS(*)	5,00	5,00	2,00	2,00
AGNÓSTICO	9,00	19,00	2,00	0,00
ATEU	3,00	13,00	6,00	2,00
TOTAL DE CASOS	100	100	50	50

(\*) POSIÇÃO RELIGIOSA: OUTRAS, INCLUI AFRO-BRASILEIRA,  
SEITAS ORIENTAIS E EVANGÉLICAS

#### 4 - CONDOM: CONHECIMENTO E USO

##### 4.1 Conhecimento

Nesta pesquisa, os entrevistados foram expostos a um conjunto de perguntas visando captar o conhecimento sobre o Condom e sua prática. Entretanto, era muito importante que a alusão ao Condom surgisse de forma espontânea por parte dos entrevistados e não induzida de alguma forma que acabasse por mascarar sua verdadeira penetração nos segmentos masculinos estudados. Tentava-se evitar vinculá-lo de início quer a um preventivo de

gravidez quer a um preventivo de doenças sexualmente transmissíveis.

Com este fim, a bateria de questões girando sobre o conhecimento e uso do Condom foi precedida pelas três perguntas que se seguem:

**Pergunta 1:** Você sabe o que um homem pode fazer para evitar que uma mulher engravide?

**Pergunta 2:** Existem várias doenças sexualmente transmissíveis. Você conhece o nome de alguma delas?

**Pergunta 3:** Você sabe o que pode ser feito para evitar estas doenças?

Em resposta à primeira pergunta, o Condom foi o método masculino mais citado pelos entrevistados nas três categorias analisadas (Tabela 11). A menção ao Condom em 96% das respostas dadas por universitários e bancários e em 90% daquelas vindas dos operários da indústria é indicação suficiente do grau de sua penetração no universo masculino<sup>(8)</sup>. Mesmo os 76% correspondentes ao segmento mais desinformado, falam neste sentido. Vale

---

(8) Este achado é confirmado também pelos resultados encontrados no Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, na Pesquisa sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem 1989/90, Relatório Preliminar - BENFAM.

salientar que embora a pergunta 1 se referisse claramente ao que o homem deveria fazer, muitos deram como resposta métodos femininos. Isto pode estar refletindo uma mentalidade de que a anticoncepção é ainda vista como uma responsabilidade das mulheres.

TAB. - 11 - MÉTODOS QUE O HOMEM DEVE USAR PARA EVITAR UMA GRAVIDEZ (%)

MÉTODOS	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	MASCULINOS		OPERÁRIO	
(*)	BANCÁRIO	UNIVERSITÁRIO	CONST. CIVIL	INDUSTRIA
COITO-INTERR.	28,00	40,00	22,00	24,00
CONDOM	96,00	96,00	76,00	90,00
VASECTOMIA	26,00	40,00	8,00	12,00
TOTAL DE RESPOSTA	150	176	53	63

(\*) Respostas Múltiplas

Quanto à pergunta 3, o Condom foi mencionado espontaneamente com frequência muito menor do que no caso da anticoncepção, como revelam os dados da Tabela 12.

Para os bancários e universitários ele teve praticamente o mesmo peso no total de respostas, ou seja, em cada 100, apareceu em média 36 vezes. Este resultado

parece pouco animador como sintoma da pouca preocupação com a AIDS, ainda mais em se tratando de homens jovens supostamente mais esclarecidos. Dentre os operários, a "camisinha" foi mencionada com maior frequência, superando os 50% de respostas. Uma possível explicação para esta aparente contradição pode residir no fato da prostituição ter sempre estado mais presente na prática sexual, entre as camadas menos favorecidas da população.

Alguns outros aspectos relacionados a estas respostas merecem atenção. Em primeiro lugar, o elevado percentual de operários, principalmente da construção civil, que não sabem o que fazer para se prevenir contra doenças transmissíveis pela via sexual. Esta desinformação que atinge 18 em cada 100 operários trabalhando na construção civil, é um elemento a ser levado em conta pelo setor de saúde envolvido nas campanhas de prevenção da AIDS. Em segundo lugar, é de se estranhar o alto percentual de respostas dadas por universitários (24%) e bancários (13.9%) sugerindo higiene pré e pós coito, em que pese o fato de tratar-se de uma boa norma de higiene, em geral, mas totalmente inócua no que se refere à AIDS. Finalmente, evitar a promiscuidade adquiriu mais importância para os bancários e, neste sentido, universitários e operários praticamente se igualaram quanto a esta preocupação.

TAB. - 12 - O QUE FAZER PARA EVITAR  
DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.  
(%)

O QUE FAZER	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	CONST.CIVIL	OPERÁRIO INDÚSTRIA
USAR CAMISINHA	38,14	35,45	50,00	53,52
NÃO SER PROMÍSCUO (CONHECER PARCEIROS)	46,91	33,64	32,26	39,44
HIGIENE PRÉ-COITO	5,67	10,45	1,61	0,00
HIGIENE PÓS-COITO	8,25	13,64	0,00	0,00
OUTROS	0,52	6,36	1,61	2,82
NÃO SABE	0,52	0,45	14,52	4,23
TOTAL DE RESPOSTAS	194	220	62	71

(\*) Respostas Múltiplas

Tendo o Condom sido introduzido espontaneamente na entrevista, e uma vez que todos os entrevistados responderam que já tinham ouvido falar dele, o passo seguinte foi saber como percebiam sua utilidade.

Os dados sobre "para que serve o Condom", revelam que os entrevistados tinham conhecimento de que o Condom serve o duplo propósito de evitar uma gravidez e prevenir de doenças sexualmente transmissíveis, conforme atestam as elevadas proporções de bancários (93%) e de universitários (90%), que responderam assim. São os trabalhadores da construção civil, seguidos dos

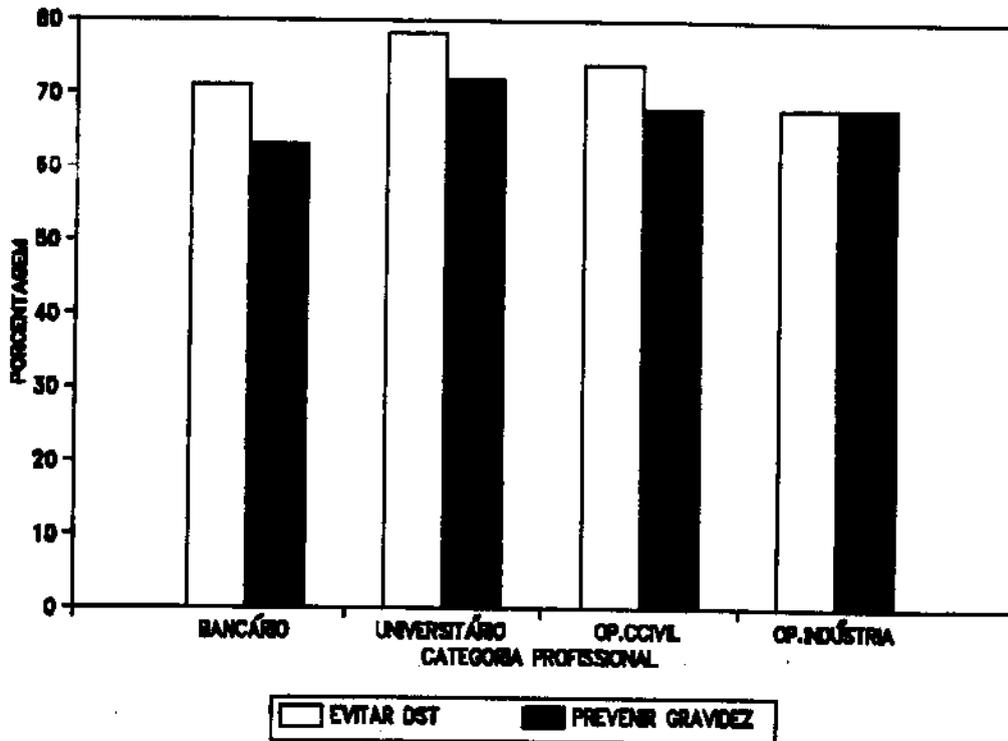
industriários, os que percebem no Condom a utilidade específica ora para prevenir doenças sexualmente transmissíveis, ora para evitar a gravidez (Tabela 13).

TAB. - 13 - PARA QUE SERVE O CONDOM (%)

UTILIDADE	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO		OPERÁRIO	
	UNIVERSITÁRIO	UNIVERSITÁRIO	CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
PREVENIR DST	2,00	2,00	22,00	14,00
EVITAR GRAVIDEZ	5,00	8,00	22,00	8,00
DST E GRAVIDEZ	93,00	90,00	56,00	78,00
TOTAL DE CASOS	100	100	50	50

Tratando-se de eficácia, entretanto, a grande maioria o considera como sendo mais eficaz para prevenir as doenças sexualmente transmissíveis do que a gravidez, exceção feita aos industriários que julgaram o Condom igualmente eficaz para ambos os propósitos (Gráfico 4).

Gráfico - 4 - O CONDOM COMO MÉTODO EFICAZ, POR CATEGORIA PROFISSIONAL



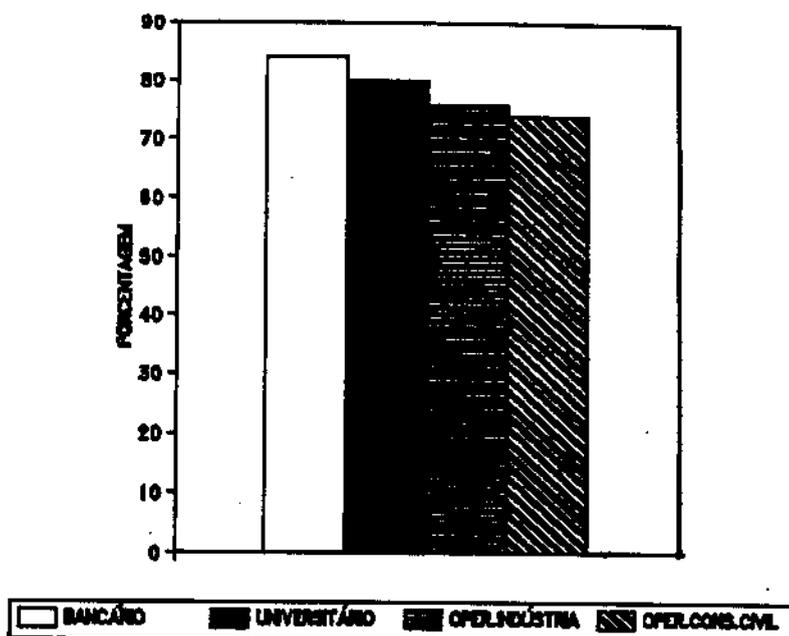
#### 4.2 Uso do Condom alguma vez

Se por um lado todos os entrevistados responderam que já tinham ouvido falar do Condom, quando se interroga sobre seu uso, apenas 80% da amostra já o haviam utilizado alguma vez. Neste ponto, os quatro grupos analisados não diferiram estatisticamente<sup>(9)</sup>, embora os bancários liderassem a lista com 84% de uso, seguidos dos

(9)  $\chi^2$  observado para 3 graus de liberdade igual a 3,497, sendo de 7,815 o valor crítico desta estatística ao nível de 5%.

universitários com 80%, cabendo aos operários as menores taxas, da ordem de 76% para industriários e 74% para construção civil (Gráfico 5).

Gráfico - 5 - USO DO CONDOM ALGUMA VEZ, POR CATEGORIA PROFISSIONAL



Os motivos alegados para o uso do Condom se distribuíram de forma muito similar entre bancários e universitários: o cuidado para evitar uma gravidez se destaca como a principal preocupação (Tabela 14). Prevenir uma concepção era a maior razão para o uso do preservativo entre industriários. Entretanto, para esta categoria profissional, a prevenção de doenças

sexualmente transmissíveis ocupou uma posição mais importante do que para os bancários e universitários. Já para os operários da construção civil as doenças transmitidas pelo ato sexual estiveram no topo da lista de suas razões para a utilização do Condom.

TAB. - 14 - RAZÕES PARA O USO DO CONDOM.  
(%)

RAZÕES	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO UNIVERSITÁRIO		OPERÁRIO	
	BANCÁRIO	UNIVERSITÁRIO	CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
	TÁRIO			
PREVENIR DST	19,00	17,50	59,50	34,20
EVITAR GRAVIDEZ	54,90	61,20	35,10	55,30
DST E GRAVIDEZ	11,90	12,50	2,70	7,90
OUTRAS RAZÕES	14,30	8,80	2,70	2,60
TOTAL DE CASOS	84	80	37	38

Com relação ao estado conjugal destes entrevistados que responderam já ter usado o Condom, pode-se dizer que a distribuição para cada categoria profissional é muito similar à sua correspondente na amostra total, conforme Tabelas 01 a 04. O que chama atenção, entretanto, é o predomínio, medido por 92.2%, de solteiros dentre os 61

homens que nunca utilizaram o Condom, em contraste com os 68.6% no grupo dos que o usaram.

A pesquisa sobre os motivos apontados para o não uso do Condom revelou que alterações no prazer preocupam principalmente bancários e universitários (Tabela 15). Neste sentido, é importante lembrar que estes depoimentos devem estar calcados em experiências adversas e preconceituosas vividas por amigos ou irmãos mais velhos ou pelas parceiras sexuais, uma vez que os próprios entrevistados declararam nunca terem usado o Condom. O fato das parceiras sexuais usarem algum método anticoncepcional é razão para que alguns dos entrevistados se despreocupem do Condom, o que demonstra que, para estes, o Condom está sendo pensado apenas como método anticoncepcional. O cuidado na seleção da parceira esteve mais presente na categoria dos operários, principalmente da indústria. Ainda um fato que chama atenção é a "falta de hábito" mencionada por todos, à exceção dos bancários.

TAB. - 15 - RAZÕES ALEGADAS PARA NUNCA TEREM USADO O CONDOM  
(%)

RAZÕES	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO		OPERÁRIO	
	UNIVERSI- TÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	CONST. CIVIL	INDÚSTRIA
TIRA O PRAZER	50,00	35,00	23,10	0,00
FALTA DE HÁBITO	0,00	25,00	46,10	16,70
SEL. PARCEIRA	0,00	0,00	15,40	41,70
PARCEIRA USA MAC	25,00	20,00	0,00	16,70
N QUIZ RESPONDER	6,20	0,00	0,00	8,30
OUTRAS RAZÕES	18,80	20,00	15,40	16,60
TOTAL DE CASOS	16	20	13	12

Passando-se à prática do Condom, no que se refere à compra e maneira de usá-lo, observou-se que praticamente todos os usuários compram, principalmente em farmácias, uma caixa uma vez por mês. Já com relação à quantidade de vezes de utilização de um mesmo condom, com exceção de dois casos na categoria bancários e industriários, de utilização por mais de duas vezes, todos os descartam após o uso. Quando perguntados o que gostariam de ver modificados nos Condoms atuais, declararam certa insatisfação com relação à resistência do material, sua textura e anatomia. O elevado preço foi também mencionado. Possivelmente todos estes elementos e tantos outros de maneira combinada contribuam para o pouco expressivo uso do condom em nosso meio.

Finalmente, vale a pena mencionar que a categoria "outras razões" para o não uso do Condom incluíram situações variadas. Nesta categoria, dos bancários e dos operários na construção civil, 12.5% e 7.7%, respectivamente, usavam o coito interrompido em suas relações sexuais, 6.2% dos bancários se declararam homossexuais passivos e 7.7% dos operários achavam o Condom caro, além de terem vergonha de usá-lo. As "outras razões" mencionadas por universitários e trabalhadores na indústria se referem exclusivamente ao fato de nunca terem tido relações sexuais.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a idade com que estes jovens usaram o Condom pela primeira vez. Considerando que o relacionamento sexual vem ocorrendo cada vez mais cedo na vida dos jovens, uma idade mediana entre 20 e 21 anos para começar a usar o Condom nos pareceu muito elevada. E isto ocorreu com bancários e operários. Para os universitários, por outro lado, o uso começou mais precocemente, ou seja, 50% deles já haviam utilizado o Condom até os 17,3 anos (Tabela 16).

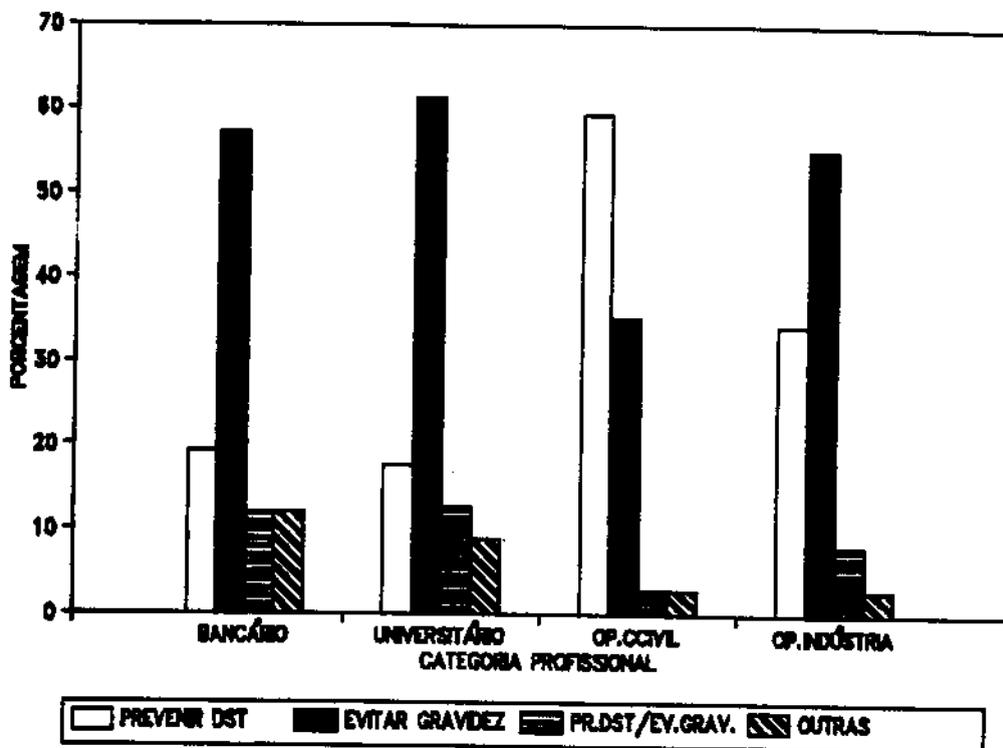
TAB. - 16 - IDADE EM QUE USOU O CONDOM PELA PRIMEIRA VEZ.  
(%).

GRUPOS DE IDADE	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	OPERÁRIO	
			CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
ATÉ 15 ANOS	8,33	14,04	9,38	5,88
16 - 19	40,28	63,16	37,50	35,29
20 - 24	40,28	22,81	28,13	50,00
25 - 30	11,11	0,00	25,00	8,82
TOTAL DE CASOS(*)	72	57	32	34

(\*) Não inclui a resposta "Não Lembra"

Procurando os motivos que levaram estes jovens a usar o Condom pela primeira vez, o que predominou foi a necessidade de se prevenirem contra uma possível gravidez das parceiras sexuais, exceção feita aos operários da construção civil(Gráfico 6). Para esta categoria foi o cuidado com as doenças sexualmente transmissíveis que determinou o início do uso do preservativo. Como já foi salientado antes, isto pode dever-se ao fato de terem eles iniciado sua vida sexual com prostitutas, que via de regra fazem uso de tal método.

Gráfico - 6 - FINALIDADE DO USO DO CONDOM NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL, POR CATEGORIA PROFISSIONAL



#### 4.3 - Uso do Condom no último mês

Com a finalidade de aprofundar algumas questões relativas a comportamento sexual e uso de Condom, optou-se, como já foi salientado, por restringir as perguntas ao ocorrido no último mês. Isto evitaria problemas de memória que poderiam eventualmente comprometer a fidedignidade das informações.

Quando perguntados se haviam ou não tido relações sexuais no último mês, 79.8% dos bancários, e 77% e 72%

dos operários da indústria e da construção civil, respectivamente, responderam que sim. A categoria que menos se relacionou sexualmente no último mês foram os universitários, ou seja, 68.7%.

Dentre aqueles que fizeram sexo no último mês, apenas 29.8% utilizaram o Condom. Isto nos permite estimar, com 95% de confiança, que a proporção atual de uso deste método esteve compreendida entre 26.7% e 32.9%. Este resultado mostra, como já era esperado, que os "surveys" sobre fecundidade ou sobre anticoncepção subestimam o uso desta prática, pelas razões já aludidas na Introdução, ou seja, por incluírem apenas mulheres na idade reprodutiva e, em geral, casadas ou unidas. De fato, a estimativa por esta via tem sido praticamente constante no país, nos últimos anos, ficando entre 1% e 2%.

A taxa de uso no último mês não foi uniforme nas quatro categorias (Tabela 17).

De um lado estão bancários e operários que apresentaram uma taxa mais reduzida de uso (entre 22% e 27%), cabendo aos universitários 45.5%. Estatisticamente estes dois grupos diferem entre si<sup>(10)</sup>.

---

(10)  $\chi^2$  observado para 3 graus de liberdade igual a 10,634 e  $\chi^2$  crítico ao nível de 5% igual a 7,815.

TAB. - 17 - USO DO CONDOM NAS RELAÇÕES SEXUAIS DO ÚLTIMO MÊS  
(X)

USO DO CONDOM NO ÚLTIMO MÊS	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	OPERÁRIO CONST.CIVIL INDÚSTRIA	
SIM	22,80	45,50	22,20	27,00
NÃO	77,20	54,50	77,80	73,00
TOTAL DE CASOS	79	66	36	37

Comparada com resultados de pesquisas conduzidas em outros países, a proporção do uso aqui encontrada entre universitários pode ser considerada bastante razoável. Por exemplo, no México<sup>(11)</sup> pesquisa realizada em 1988 detectou que 33% dos universitários tinham usado Condom no último mês. Este nível de uso decorreu de campanhas educativas, como demonstram os 21% que prevaleciam em 1987, antes do início do programa de prevenção.

Procurando uma possível associação entre nível de escolaridade e uso de Condom, observou-se que para a amostra total, aqueles com ou cursando nível superior (que além dos universitários inclui parte dos bancários) apresentaram 38.7% desta prática, contra 21.7% referentes ao segundo grau completo, e 25.0% para aqueles que ou não

(11) POPULATION REPORTS - 1989 Issues in World Health. Serie L, Number 8, September .

freqüentaram escola ou só completaram o primeiro grau. Estatisticamente falando, entretanto, não há uma diferença para aqueles que chegam a um curso superior, no sentido de aumentar a proporção de uso<sup>(12)</sup>.

A cor do entrevistado não guardou nenhuma relação com o fato de ter ou não usado o Condom no último mês (Tabela 18). De fato, as proporções de uso para brancos, 30.9% e para negros, 28.3%, não diferiram estatisticamente<sup>(13)</sup>. O mesmo sucedeu nas comparações realizadas dentro de cada categoria profissional, exceção feita à dos universitários que não permitiu tal comparação, dado o reduzidíssimo número de negros.

TAB. - 18 - UTILIZAÇÃO DO CONDOM NO ÚLTIMO MÊS,  
SEGUNDO A COR DOS ENTREVISTADOS  
(%)

USOU CONDOM NO	COR		TOTAL
	BRANCO	NÃO	
ÚLTIMO MÊS			(%)
	BRANCO		
NÃO	69,09	71,70	69,72
SIM	30,91	28,30	30,28
TOTAL DE CASOS	165	53	100,00

(12)  $\chi^2$  observado para 2 graus de liberdade igual a 5,753 e  $\chi^2$  crítico ao nível de 5% igual a 5,990.

(13) Valor observado da diferença entre as duas proporções igual a 0,365, não significativo ao nível de 5%.

O possível efeito da religião na conduta dos entrevistados mostrou um maior uso do Condom pelos católicos e por aqueles que se declararam agnósticos ou ateus. As demais orientações religiosas correspondeu uma taxa de uso muito mais reduzida (Tabela 19), quase metade da apresentada pelos dois outros grupos. Estatisticamente, entretanto, estas diferenças não foram significantes<sup>(14)</sup>.

TAB. - 19 - USO DO CONDOM NO ÚLTIMO MÊS SEGUNDO  
A POSIÇÃO RELIGIOSA DO ENTREVISTADO  
(%)

POSIÇÃO RELIGIOSA	USO (%)	TOTAL DE CASOS
AGNÓSTICO ou ATEU	34,30	35
CATÓLICO	31,80	154
OUTRAS	17,20	29

Procurando entender os níveis de uso encontrados, percebeu-se que uma das razões residiu no fato dos entrevistados terem tido relações sexuais predominantemente com uma mesma pessoa no período considerado (Tabela 20), o que caracterizou, aliás, a

(14)  $\chi^2$  observado para 2 graus de liberdade igual a 2,775 e  $\chi^2$  crítico ao nível de 5% igual a 5,990.

amostra total, por categorias, independente do uso ou não do Condom.

TAB. - 20 - NÚMERO DE PARCEIROS SEXUAIS DOS QUE NÃO UTILIZARAM O CONDOM NO ÚLTIMO MÊS (%)

NÚMERO DE PARCEIROS	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSITÁRIO	OPERÁRIO	
			CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
NÃO SABE	0,00	0,00	0,00	4,55
UMA PESSOA	92,16	94,29	85,71	86,36
DUAS PESSOAS	7,84	2,86	9,52	4,55
TRÊS PESSOAS	0,00	2,86	0,00	0,00
QUATRO OU +	0,00	0,00	4,76	4,55
TOTAL DE CASOS	61	36	28	27

Esta interpretação encontra fundamento no fato da maioria dos entrevistados que tiveram relações sexuais com apenas uma pessoa, considerarem esta relação estável. Assim, pode-se pensar que o uso do Condom possa estar restrito ao que se considere fortuito, esporádico ou desconhecido. Estes dados podem de alguma maneira estar refletindo certa alteração do comportamento sexual masculino: porque mesmo que os homens não estejam fazendo

uso do Condom de maneira significativa, tampouco estão se relacionando de maneira intensa sexualmente.

TAB. - 21 - USO DO CONDOM EM RELAÇÕES NAS QUAIS  
PARCEIRAS SEXUAIS USAVAM ALGUM  
MÉTODO ANTICONCEPCIONAL  
(%)

USO DO CONDOM	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	OPERÁRIO	
			CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
SIM	31,43	42,50	25,00	46,67
NÃO	68,57	57,50	75,00	53,33
TOTAL DE CASOS	35	40	4	15

O uso do Condom guarda certa relação com o fato da parceira estar ou não utilizando algum método anticonceptivo (e é o que acontece na maior parte das vezes). De fato, o homem julga-se desobrigado de utilizar qualquer outro método complementar, o que demonstra que a maioria dos entrevistados utiliza o Condom mais como método anticonceptivo do que como preventivo de doenças sexualmente transmissíveis (Tabela 21). Em que pese o fato de as companheiras daqueles entrevistados, que não fazem uso do Condom, estarem majoritariamente usando métodos hormonais (Tabela 22), de alta eficácia, há

também a presença de outros dispositivos reguladores da fecundidade, de menor eficiência, o que, na ausência do Condom, poderá levar a gravidezes indesejadas.

TAB. - 22 - MÉTODO ANTICONCEPCIONAL UTILIZADO PELAS  
PARCEIRAS DAQUELES QUE NÃO UTILIZAM O CONDOM  
(%)

MÉTODO	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	OPERÁRIO	
			CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
COITO- INTERROMPIDO	10,71	4,35	0,00	22,22
PÍLULA	64,29	52,17	100,00	66,67
TABELINHA	14,29	26,09	0,00	0,00
MÉTODO "MUCO"	0,00	8,70	0,00	0,00
DIAFRAGMA	3,57	0,00	0,00	0,00
PÍLULA /TABELINHA	0,00	8,70	0,00	0,00
COITO- INTERROMPIDO /TABELINHA	7,14	0,00	0,00	11,11
TOTAL DE CASOS	28	23	4	9

Resumindo esta seção, quanto ao uso do Condom, o que se pode perceber é, em primeiro lugar, uma grande defasagem entre "usou alguma vez" e "usou ultimamente". Uma das hipóteses que pode ser levantada para dar conta desta situação, dado que os entrevistados são jovens, é a de que eles responderam afirmativamente mais vezes à

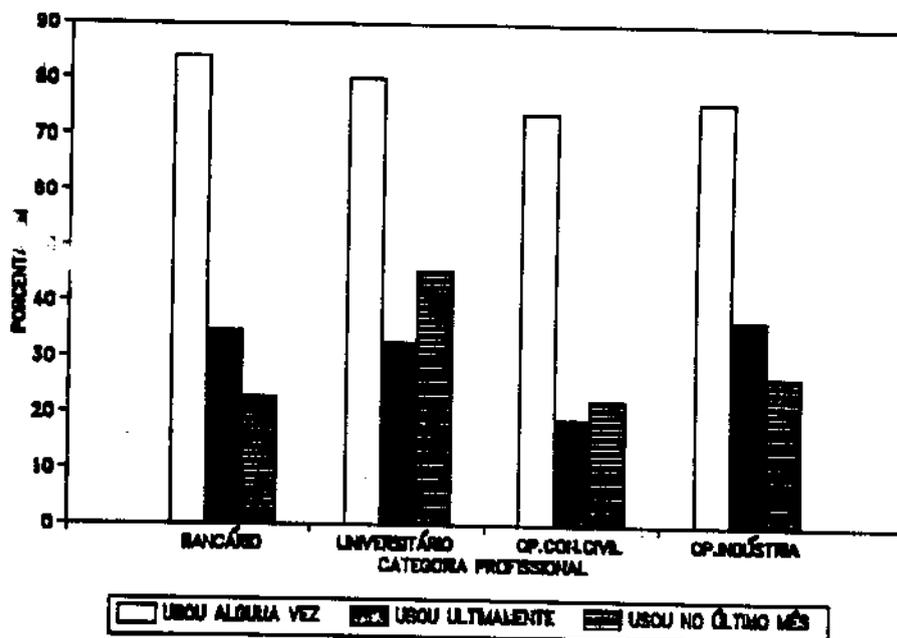
primeira pergunta do que à segunda porque ela podia ser contestada de forma mais descomprometida, por não se referir a nenhum período específico.

TAB. - 23 - O USO DO CONDOM NO ÚLTIMO MÊS PARA CASADOS E NÃO-CASADOS (%)

ESTADO	CATEGORIA PROFISSIONAL				TOTAL
	BANCÁRIO	UNIVERSITÁRIO	CONS.CIVIL	OPERÁRIO	
CONJUGAL					(%)
CASADOS	22,58	42,86	9,52	10,53	17,95
NÃO CASADOS	22,92	45,76	40,00	44,44	37,14

Responder negativamente poderia comprometer, de certa forma, a imagem masculina que têm de si próprios. Em segundo lugar, é muito mais reduzida a diferença entre "usou ultimamente" e "usou no último mês" e esta pode estar relacionada a quando se deram as últimas relações sexuais. Para os bancários caiu de 34.5% para 22.8%, e para os industriários a queda foi de 36.8% para 27.0%, para a proporção de uso. Já para universitários esta proporção cresceu de 32.5% para 45.5% e para os operários da construção civil o aumento foi menos sensível, ou seja, de 18.9% para 22.2% (Gráfico 7).

Gráfico - 7 - USOU O CONDOM ALGUMA VEZ, USOU ULTIMAMENTE E USOU NA RELAÇÃO SEXUAL DO ÚLTIMO MÊS



## 5 - AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

### 5.1 - Conhecimento e incidência de doenças sexualmente transmissíveis.

O conhecimento dos entrevistados sobre as doenças sexualmente transmissíveis foi bastante homogêneo, sendo a gonorréia a doença mais citada, seguida da sífilis e da AIDS (Tabela 24). É importante esclarecer que as doenças foram apontadas espontaneamente pelos entrevistados, sem nenhum tipo de interferência dos entrevistadores.

TAB. - 24 - DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS MAIS CONHECIDAS  
(%)

DST	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	OPERÁRIO	
			CONST. CIVIL	INDÚSTRIA
SÍFILIS	86,00	94,00	44,00	44,00
GONORRÉIA	91,00	95,00	82,00	70,00
AIDS	72,00	87,00	46,00	50,00
SÍFILIS/ GONORRÉIA/AIDS	57,00	82,00	18,00	28,00
SÍFILIS/ GONORRÉIA/AIDS/ CANCRO	27,00	36,00	8,00	8,00
TOTAL DE CASOS	100	100	50	50

(\*) Respostas Múltiplas

Além do conhecimento, procurou-se saber das possíveis doenças sexualmente transmissíveis que estes entrevistados porventura pudessem ter tido em algum momento de suas vidas. Duas perguntas foram feitas neste sentido, ou seja, sobre ardor ao urinar e ardor no pênis. Os operários da construção civil, em comparação com as demais, foi a categoria que maiores percentuais apresentou de incidência destes sintomas (Tabela 25). Estes resultados revestem-se de importância, quando se observa que nesta mesma categoria a prática da circuncisão é pouco utilizada, dado que esta de alguma

maneira protege o homem de certas doenças sexualmente transmissíveis<sup>(15)</sup>.

TAB. - 25 - INCIDÊNCIA DE TER SENTIDO ARDOR AO URINAR  
E DE TER SENTIDO ARDOR NO PÊNIS  
(%)

CATEGORIA PROFISSIONAL	SENTIR ARDOR AO URINAR	SENTIR ARDOR NO PÊNIS
BANCÁRIO	37,00	7,00
UNIVERSITÁRIO	36,00	5,00
OPERÁRIO CONST.CIVIL	42,00	14,00
OPERÁRIO INDÚSTRIA	26,00	4,00
TOTAL DE CASOS	107	21

Com relação ao tipo de assistência médica recebida, os dados mostram o que já era, até certo ponto, esperado (Tabela 26). Ou seja, os bancários apresentaram maior incidência de uso de serviços privados de saúde, cuja explicação passa seguramente pela presença de convênios por parte dos bancos com empresas privadas de saúde. Já os operários fazem maior uso dos serviços públicos de saúde, certamente via previdência social. Os universitários lançam mão tanto de um quanto de outro dependendo possivelmente da inserção social de sua família e de estarem ou não trabalhando enquanto estudam.

(15) Rodrigues Netto Jr - 1985 Urologia prática, Campinas, UNICAMP.

TAB. - 26 - LOCAL PROCURADO PARA OBTER TRATAMENTO QUANDO SENTIU ARDOR NO PÊNIS PELA ÚLTIMA VEZ  
(\*)

LOCAL	CATEGORIA PROFISSIONAL				TOTAL (%)
	BANCÁRIO	UNIVERSITÁRIO	OPERÁRIO		
			CONS.CIVIL	INDÚSTRIA	
AUTO-MEDICAÇÃO	4,17	12,50	6,25	0,00	6,25
CONS.PARTICULAR	91,67	56,25	18,75	25,00	56,25
FARMÁCIA	0,00	0,00	25,00	12,50	7,81
SERV.PUB.SAÚDE	4,17	31,25	43,75	62,50	28,13
OUTROS	0,00	0,00	6,25	0,00	1,56
TOTAL DE CASOS	24	16	16	8	100,00

Chama em especial atenção a auto medicação dos universitários (12.5%) e o recurso à farmácia feito pelos operários, ambas práticas não recomendáveis para tratamento de enfermidades em geral e de doenças sexualmente transmissíveis em particular.

## 5.2 - Como contrair a AIDS?

A AIDS tem provocado questionamentos e modificações substantivas nos padrões e práticas sexuais contemporâneos. Esta foi a motivação para inclusão de questões ligadas ao tema em uma pesquisa sobre o Condom. Nesta seção analisaremos as perguntas que se referem mais diretamente a esta doença.

As Tabelas 27 a 30 situam o quadro da doença no Brasil nos últimos 10 anos, acompanhando sua evolução, os grupos mais expostos aos contágios e o comportamento da doença a nível regional.

TAB.- 27 - CASOS E COEFICIENTES DE AIDS  
BRASIL, 1980-1988/1990(setembro)

ANO	CASOS NOTIFICADOS	COEFICIENTES INCIDENCIA(*)
1980	1	0,00
1981	0	0,00
1982	6	0,02
1983	19	0,07
1984	78	0,28
1985	256	0,88
1986	479	1,60
1987	1145	3,73
1988	1761	5,59
1989	-	-
1990(**)	14549	9,80

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de São Paulo.  
1987, Fundação SEADE.

(\*) Por 100.000 hab.

(\*\*) World Health Organization Global

Programme on AIDS - mimeo - Suíça, February, 1990

(Update: AIDS Cases)

Em primeiro lugar, observa-se um crescimento sistemático nos coeficientes de incidência de AIDS, que se intensifica em 1990, quando, representa oito vezes aquele verificado em 1988 (Tabela 27). Quando se desagrega o País em grandes regiões, destaca-se o Sudeste

com uma incidência extremamente superior às demais (Tabela 28). De fato, dos 12.405 casos notificados em julho de 1990<sup>(16)</sup>, 82.5% se situavam nesta região.

TAB. - 28 - NÚMERO ACUMULADO DE CASOS DE AIDS E  
COEFICIENTE DE INCIDÊNCIA (POR 100.000 hab.)  
SEGUNDO O LOCAL DE RESIDÊNCIA  
BRASIL-JUNHO, 1990

REGIÕES	NÚMEROS	COEFICIENTE DE INCIDÊNCIA (p/100.000hab.)
NORTE	97	1
NORDESTE	909	2
SUDESTE	10232	23
SUL	822	4
CENTRO-OESTE	345	6
BRASIL	12405	9

Fonte: Divisão DST/AIDS. Ministério da Saúde.  
Boletim Epidemiológico. AIDS, Ano III n.11  
Brasil - junho, 1990 in A Tabuada da AIDS.

O crescimento do número de casos de AIDS, em regiões consideradas "desenvolvidas", demonstra como vem deteriorando a qualidade de vida das populações urbanas, como também reflete o "locus" onde as transformações culturais e dos costumes são percebidas e incorporadas de maneira mais incisiva pela população.

(16) Último dado disponível

Ao mesmo tempo, ao se analisar esta tendência crescente dos números de casos de AIDS nestas regiões, é importante lembrar que também são estes locais aonde a cobertura dos registros da doença são de melhor qualidade.

Tomando o Estado de São Paulo, percebe-se um crescimento entre 1987 e 1988, conforme Tabela 29. Este crescimento obedece à sistemática de maior incidência nos municípios do que nas regiões correspondentes, ou seja, segue a lógica de concentrações urbanas, maior liberação de costumes, já apontados anteriormente.

No que se refere aos grupos de risco, de longe encabeçam a lista no Brasil, como nos Estados Unidos e na Europa, os homossexuais ou bissexuais masculinos (Tabela 30). Seguem-se os usuários de drogas, com pesos relativos maiores para a Europa (33.1%), depois os Estados Unidos (22.3%), e o Brasil em terceiro lugar (17.6%). É importante salientar a relevância que vêm adquirindo os contatos heterossexuais que no Brasil e Europa Ocidental se constituem no terceiro grupo de risco.

O fato das mulheres em idade reprodutiva estarem sendo contaminadas, justifica o aumento a cada dia mais

significativo do número de recém-nascidos contaminados com o vírus por suas mães, antes, durante ou depois do nascimento.

TAB. - 29 - CASOS NOTIFICADOS E COEFICIENTES DE AIDS  
REGIÃO ADMINISTRATIVA E MUNICÍPIOS,  
1987/1988

REGIÃO/MUNICÍPIO	COEFICIENTE DE INCIDÊNCIA(*)	
	1987	1988
ESTADO DE SÃO PAULO	3,73	5,59
REG.GRANDE SÃO PAULO	5,26	8,00
MUN. SÃO PAULO	6,95	10,32
REGIÃO SANTOS	10,01	15,42
MUN. SANTOS	19,24	28,60
REGIÃO CAMPINAS	1,12	1,51
MUN. CAMPINAS	1,63	2,60
REGIÃO RIBEIRÃO PRETO	1,54	2,34
MUN. RIBEIRÃO PRETO	3,91	8,50
REGIÃO S.J.RIO PRETO	2,95	4,31
MUN. S.J.RIO PRETO	9,43	10,19

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de São Paulo,  
1987, Fundação SEADE  
(\*) por 100.000 hab.

No Brasil, a evolução da transmissão transfusional da AIDS é preocupante, o país tem o maior índice percentual de infectados por esta via entre os adultos. Esta constatação estaria explicitando não só a má qualidade do sangue transfundido, muitas vezes contaminado com doenças do tipo sífilis, chagas, hepatite

e AIDS, mas sobretudo a deterioração do Sistema de Saúde Pública(17).

TAB. - 30 - NÚMERO ACUMULADO DE CASOS DE AIDS, SEGUNDO  
CATEGORIA DE EXPOSIÇÃO E GRUPO DE IDADE  
BRASIL, junho/1990; E.U.A, janeiro/1991;  
EUROPA OCIDENTAL, dezembro/1990  
(%)

CATEGORIA DE EXPOSIÇÃO	BRASIL(1)	E.U.A.(2) (* )	EUROPA OCIDENTAL (**)
HOMOSSEXUAIS/BISSEXUAIS			
MASCULINOS	60,04	60,48	46,87
USUÁRIO DE DROGAS	17,57	22,27	33,13
HEMOFÍLICOS	2,78	0,98	3,03
RECEPTOR TRANSFUSÃO DE SANGUE	5,68	2,52	4,30
CONTATO HETEROSSEXUAL	12,05	5,47	8,82
TRANSMISSÃO MÃE/CRANÇA	1,88	1,50	1,83
HOMOSSEXUAL/BISSEXUAL/ USUÁRIO DE DROGAS	0,00	6,78	2,02
TOTAL DE CASOS	11242	158215	44695

Fontes: (1) Divisão DST/AIDS. Ministério da Saúde - Boletim Epidemiológico AIDS. Ano III n.11 Brasil, junho, 1990 in A Tabuada da AIDS n.3.

(2) Centers of Disease Control. HIV/AIDS Surveillance, february, 1991 in A Tabuada da Aids n.3.

(3) Centre Collaborateur OMS sur le SIDA. Rapport trimestriel n.28. France. December, 1990 in A Tabuada da AIDS.

(\* ) Maiores de 15 anos

(\*\*) Maiores de 13 anos

As maneiras mais conhecidas de adquirir a AIDS estão agrupadas na Tabela 31 e mostram que a via sexual

(17) ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA) 1988 Boletim no. 4, setembro, Rio de Janeiro

foi responsável por 66.1% dos casos, seguida pela via sanguínea, 23.6%. Considerando, separadamente, os dois sexos, a situação é bastante diversa. Para as mulheres o contágio aparece principalmente por via sanguínea, ou seja, por transfusão de sangue ou uso de drogas, enquanto que o contágio sexual predomina entre os homens.

TAB. - 31 - NÚMERO ACUMULADO E DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL  
DOS CASOS DE AIDS, SEGUNDO CATEGORIA  
DE EXPOSIÇÃO E SEXO  
BRASIL, 1980-1990

CATEGORIA DE EXPOSIÇÃO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL (%)
SEXUAL	69,10	29,80	66,10
SANGUÍNEA	20,20	55,30	23,60
PERINATAL	1,00	8,60	1,70
INDEFINIDA/OUTRA	9,70	6,30	9,40
TOTAL DE CASOS	11222	1183	12405

Fonte: Divisão DST/AIDS. Ministério da Saúde.  
Boletim Epidemiológico. AIDS, Ano III n.11  
Brasil - junho, 1990 in A Tabuada de AIDS.

Passando à análise do material da pesquisa, a Tabela 32 revela quais foram as combinações, quanto à percepção das formas de transmissão da AIDS, mais citadas pelos entrevistados. Embora a transmissão da AIDS se dê por diversas vias, o contágio através das relações sexuais foi o que suscitou maior preocupação dos

### 5.3 - Como evitar a AIDS?

Com relação ao que se deve fazer para evitar a AIDS, também foi possível agrupar as respostas em: só uso do Condom, só evitar contatos sanguíneos (que inclui uso de seringas descartáveis e transfusões de sangue), só alterações de práticas sexuais e suas possíveis combinações.

Todas as combinações mais significativas estão expressas na Tabela 33, que quando comparada à 32 (meios de transmissão da AIDS), demonstra, com exceção dos industriários, uma relação significativa entre os meios conhecidos de transmissão e suas respectivas maneiras de prevenção da doença.

Para evitar a AIDS, o Condom foi mencionado em 76% das respostas múltiplas dadas pelos entrevistados<sup>(18)</sup>. Foi no grupo dos universitários, onde este método mais apareceu, atingindo 82% de respostas, seguido dos bancários, com 79%. Já para os operários esta percentagem ficou em 65%. Estes achados estão bem próximos daquele encontrado no México<sup>(19)</sup>, isto é, 78% para uma amostra contemplando várias categorias ocupacionais.

---

(18) Também para a Pesquisa da BEMFAM, já citada, foi este método o mais citado pelos jovens para evitar a AIDS.

(19) POPULATION REPORTS 1989 op. cit.

Apesar dos resultados sugerirem um alto grau de absorção de informação por parte dos entrevistados, observa-se ainda muitas distorções e mesmo desinformação com relação ao assunto. Por exemplo, o uso de banheiros públicos, aperto de mão, beijo e assento de ônibus são ainda colocados pelos entrevistados como sendo maneiras de contrair a AIDS.

TAB. - 33 - MEIOS DE PREVENÇÃO DA AIDS  
(%)

MEIOS DE PREVENÇÃO	CATEGORIA PROFISSIONAL			
	BANCÁRIO	UNIVERSI- TÁRIO	OPERÁRIO CONST.CIVIL	INDÚSTRIA
SÓ USO DO CONDOM	1,00	2,00	10,87	15,22
SÓ ALTERAÇÕES PRÁTICAS SEXUAIS	5,00	2,00	13,04	15,22
SÓ CONTATOS SANGUÍNEOS	0,00	0,00	4,35	0,00
USO DO CONDOM E ALTERAÇÕES NAS PRÁTICAS SEXUAIS	15,00	10,00	13,04	8,70
USO DO CONDOM E EVITAR CONTATOS SANGUÍNEOS ALTERAÇÕES NAS PRÁTICAS SEXUAIS E EVITAR CONTATOS SANGUÍNEOS	16,00	20,00	23,92	26,08
USO DO CONDOM, ALTERAÇÕES PRÁTICAS SEXUAIS E EVITAR CONTATOS SANGUÍNEOS	47,00	50,00	17,39	15,22
OUTROS MEIOS (**)	4,00	5,00	6,52	0,00
TOTAL DE CASOS	100	100	46	46

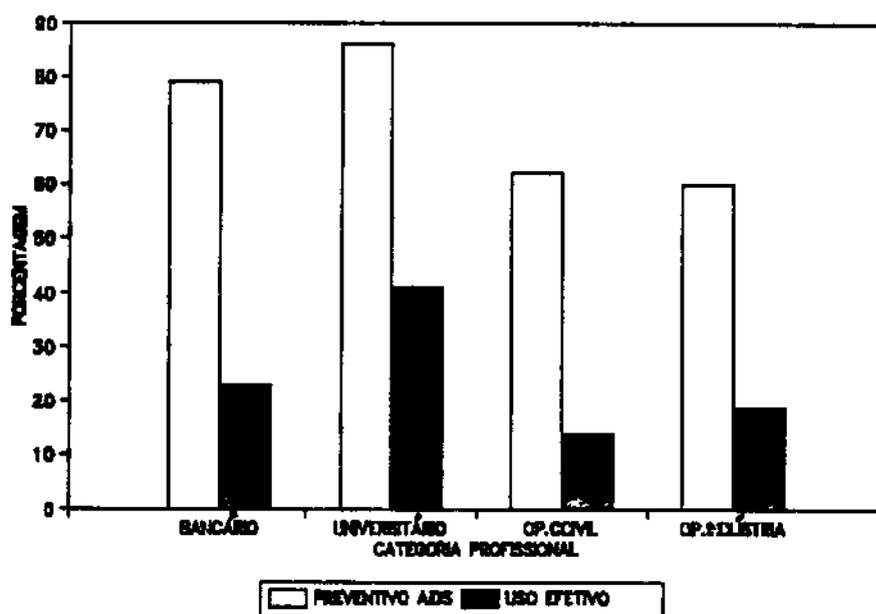
(\*) Respostas Múltiplas

(\*\*) Outros Meios: Conhecer Parceiros, Não ser Promíscuo,  
Não Frequentar "ZONA", citados sozinhos ou junto com os demais.

Ao mesmo tempo que estes resultados são de alguma maneira animadores, porque estão refletindo um conhecimento importante do grupo estudado sobre como se contrai e como se evita a AIDS, ajudam também explicitar a distância que ainda medeia o discurso e a prática desses entrevistados.

De fato, quando se compara o uso efetivo do Condôm nas relações sexuais do último mês, para aqueles que o citaram como um método preventivo da AIDS, observa-se um descompasso entre o saber e a tomada de consciência de que a AIDS pode ser contraída por qualquer um (Gráfico 8).

Gráfico - 8 - O CONDOM CITADO COMO PREVENTIVO DA AIDS E O USO EFETIVO NO ÚLTIMO MÊS



#### 5.4 - Quem faria o teste de AIDS? Quem se considera "grupo de risco"?

A AIDS, a cada dia mais, está fazendo parte da vida das pessoas; todos já ouviram falar e conhecem pelo menos duas maneiras de contraí-la. Uma grande parte da população começa a perceber a doença de maneira mais próxima, seja através de um conhecido ou mesmo de um familiar contaminado ou morto pelo vírus da AIDS.

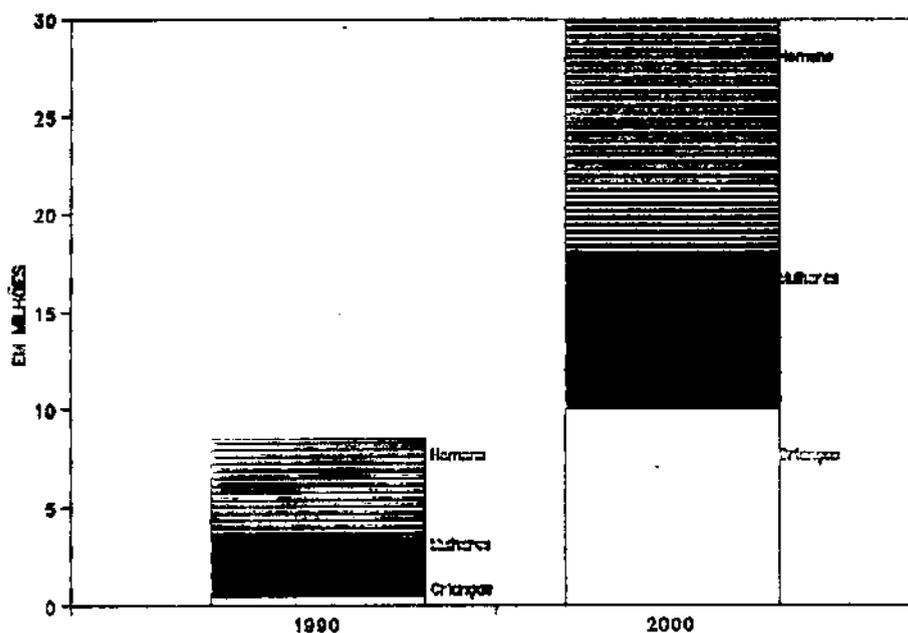
Esta síndrome não se constitui mais em uma realidade totalmente descolada e distante do dia-a-dia das pessoas. Contudo, e apesar de tudo, ainda quando se pensa em AIDS, se fala em AIDS, a associação que se faz imediatamente à esta doença está voltada a um grupo de risco específico, composto por viciados em drogas e homossexuais; uma caricatura explorada pelos meios de comunicação e informação, com a qual muito poucos se identificam ou querem se identificar.

Em junho de 1981, quando nos Estados Unidos foram detectados os primeiros casos da doença (em homossexuais), deu-se a esta Síndrome o nome de Deficiência Imunológica Relacionada aos Gays (GRID), surgindo assim o primeiro conceito de grupo de risco. Observou-se, ao longo dos anos, que viciados em drogas injetáveis e pacientes de transfusões sanguíneas

(principalmente hemofílicos) também faziam parte de outro grupo de risco.

Hoje, não se pode mais falar em grupos de risco, o que existem são comportamentos de risco, pois a Síndrome afeta pessoas independentemente da idade, sexo, cor ou religião. Daí porque se encontram atualmente mais de 10 milhões de pessoas infectadas em todo o mundo (Gráfico 9), com uma projeção assustadora de 30 milhões nos próximos 10 anos.

Gráfico - 9 - CASOS ACUMULADOS DE INFECÇÃO POR HVI NO MUNDO  
1990 / 2000



Fonte: Programa Mundial sobre Aids. Divisão de Fiscalização. Prognóstico e Identificação do Impacto. In Outlook, vol.8, n.4, dezembro, 1990.

Ao mesmo tempo em que se deve desmistificar o conceito de grupo de risco, não se pode descartar o fato de que a AIDS acentua as discrepâncias entre Norte e Sul, ricos e pobres, porque se sabe que a propagação de qualquer doença infecciosa é determinada por fatores sociais, econômicos e culturais aos quais está sujeita a sociedade.

Voltando à pesquisa, as respostas à pergunta "se faria o teste para detectar o HIV" apontam para um reduzido número de entrevistados que já o fizeram, isto é, 24 em 300. Mas destes, 11 são universitários e 10 são bancários, ou seja, apenas 3 dentre os 100 operários considerados na amostra tomaram até agora esta iniciativa.

## 6. RESUMINDO

1. Todos os entrevistados já tinham ouvido falar do Condom.
2. O Condom é mais percebido como um dos meios de evitar uma gravidez do que como preventivo contra as doenças sexualmente transmissíveis.

3. Os operários da construção civil, que estão na base da pirâmide social, sofrem mais da carência de informações sobre doenças sexualmente transmissíveis. A prática do sexo mais comum com prostitutas, faz com que os operários pensem no Condom mais como meio de prevenir contra estas doenças do que de engravidar a parceira.

4. De todos os entrevistados, 80% já haviam usado o Condom alguma vez e a proporção de uso não diferiu estatisticamente entre os quatro grupos estudados.

5. O uso foi motivado mais pelo cuidado com uma gravidez, exceção feita para os operários da construção civil.

6. Os universitários começaram a usar o Condom em torno dos 17 anos, enquanto que as demais categorias o fizeram mais tarde, entre os 20 e 21 anos.

7. O Condom é comprado principalmente em farmácias e, como segunda opção, está o supermercado.

8. O Condom é descartado após seu uso.

9. Modificações com relação à resistência do material, textura e anatomia foram mencionadas no sentido de melhorar sua aceitação.

10. Os não usuários oriundos das camadas mais favorecidas economicamente alegaram que a redução do prazer foi motivo principal para o não uso do Condom.

11. Os operários justificaram o não uso pela falta de hábito e pelo fato de selecionarem a parceira sexual.

12. Dos 74% que tiveram relações sexuais no último mês, 30% usaram o Condom, o que permite estimar, com 95% de confiança, que a proporção de uso varia de 27% a 33%. Este resultado confirma a suposição de que os "surveys" sobre fecundidade ou sobre anticoncepção, como são usualmente conduzidos, por incluírem apenas mulheres na idade reprodutiva e, em geral, casadas ou unidas, subestimam o uso do Condom, que no Brasil, por esta via, estava estimado em 2%.

13. O uso do Condom, no último mês, para não-casados foi quase o dobro da proporção apresentada pelos casados e estas proporções (37% e 18%) diferiram estatisticamente.

14. A incidência de uso no último mês foi significativamente maior para universitários (45.5%), quando comparada com as outras três categorias (variou 22% a 27%).

15. Variáveis estruturais como a cor e religião dos entrevistados não mostraram nenhuma associação com uso ou não do Condom no último mês.

16. Duas são as principais razões alegadas para o não uso do Condom nas relações do último mês: a) o fato destas serem com a mesma pessoa, tratando-se, portanto, de relação estável e b) o fato das parceiras usarem métodos anticoncepcionais femininos.

17. Todos os entrevistados já tinham ouvido falar de doenças sexualmente transmissíveis. A gonorréia foi a mais citada, vindo a sífilis em segundo lugar, seguida da AIDS.

18. Do total de entrevistados, 36% já haviam tido sintomas ligados às doenças venéreas e foram os operários da construção civil os que apresentaram a maior incidência.

19. Cerca de 60% dos que tiveram algum sintoma chegaram a procurar serviços de saúde ou farmácias.

20. A via sexual foi a mais citada pelos entrevistados como a maneira de se contrair a AIDS.

21. Em decorrência, foi o Condom o meio mais mencionado como forma de se prevenir contra a AIDS.

22. Entretanto, para aqueles que citaram o Condom e que tiveram relações sexuais no último mês, o uso efetivo deste preservativo não chegou a atingir nem 25%, e mesmo para universitários, só atingiu 40%.

23. Apenas 8% dos entrevistados já fizeram o teste do HIV e destes, somente 3 eram operários.

24. No plano das intenções, 40% declararam que fariam o teste, proporção que cai para 32% quando se trata dos operários da construção civil.

\*\*\*\*\*

As autoras agradecem, pelos cuidados nas Áreas de  
Informática à Maria Aparecida Vaz Gama Correia e de  
Secretaria à Fátima Ferreira da Silva.